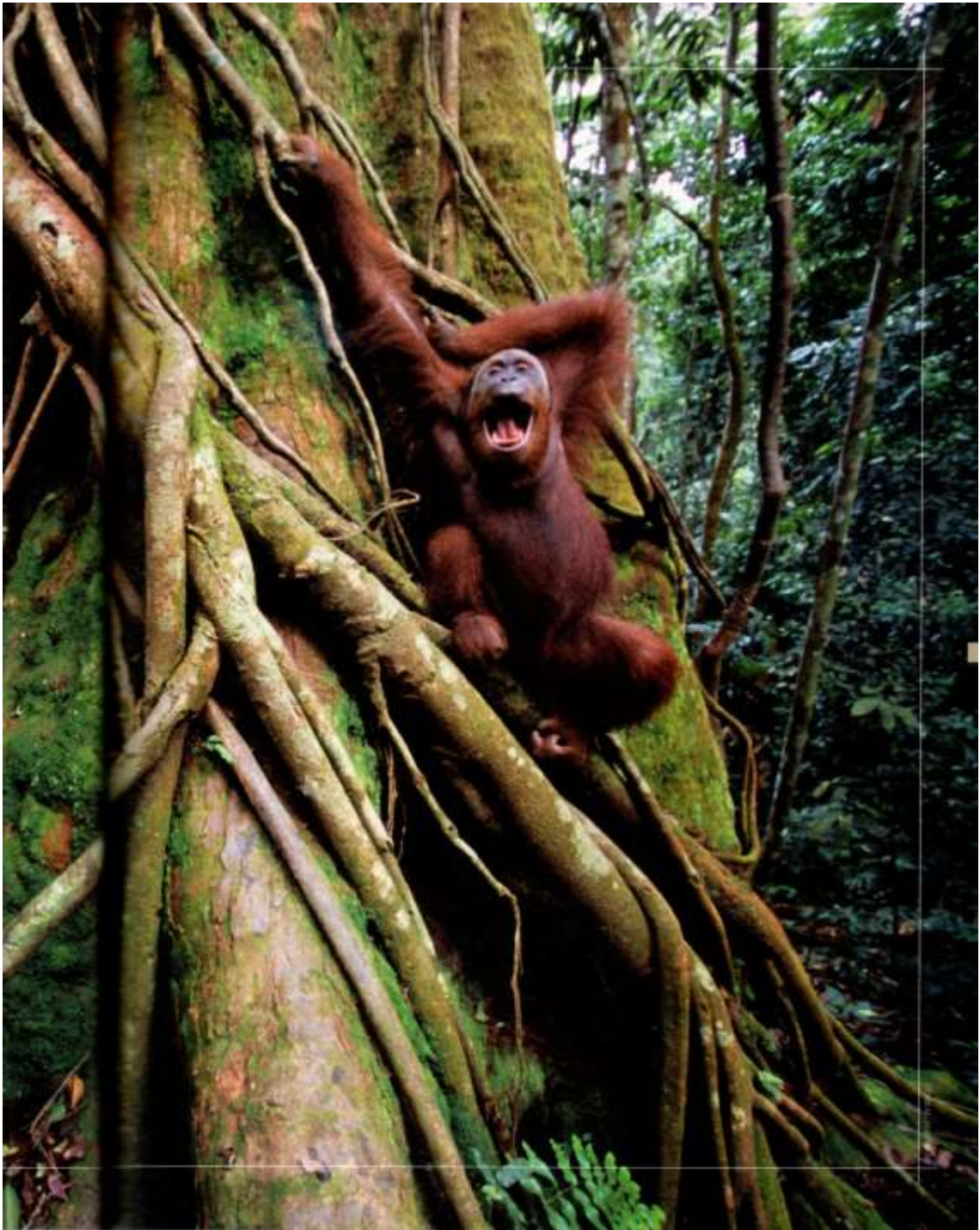


INTERNACIONAL

Parentesco **DE ALTO RISCO**

texto LIANA JOHN

A ameaça de extinção ronda 114 das 394 espécies conhecidas de primatas em todo o mundo. Destas, 25 estão em estado mais crítico e compõem uma lista de prioridades de conservação elaborada por especialistas de 21 países. Saiba quem são eles e como colocamos nossos parentes mais próximos em tamanho perigo



A competição pelas terras baixas da ilha de Sumatra, na Indonésia, é o principal fator de declínio das populações de um dos primatas geneticamente mais próximos dos humanos – o orangotango-de-sumatra (*Pongo abelii*). Os orangotangos medem em torno de 1,5 m e pesam entre 30 e 90 kg, sendo os machos bem maiores. Circulam pelo alto das árvores em grupos familiares pequenos, geralmente compostos da fêmea com seus filhotes. Os jovens dependem das mães durante muito tempo – para aprender a se defender e encontrar as frutas certas para comer – e, por isso, o intervalo entre duas crias pode ser de 4 a 7 anos.

Tanto a sobrevivência desses grandes primatas como seu índice de reprodução dependem da qualidade das matas por onde circulam. Uma floresta alterada pelo extrativismo, por exemplo, já não tem capacidade de sustentar o mesmo grupo de animais. O problema é que as áreas de origem dos orangotangos são também prioritárias para o homem, que chega retirando madeira, instala-se com a agricultura de subsistência, depois instala lavouras de dendê para a produção de biodiesel, um processo acelerado nos últimos 20 anos.

Durante a década de 1990 e, em especial, entre 2002 e 2005, os conflitos civis e a presença de guerrilheiros na região de Aceh proporcionaram breves intervalos nos desmatamentos. Mas a necessidade de realocar famílias desabrigadas pelo tsunami de 2004 e o aumento da demanda por madeira para reconstrução das casas destruídas pelas ondas gigantes voltou a provocar baixas entre nossos parentes silvestres.

Também na Indonésia, mas na

OS SEM FLORESTAS

A destruição dos habitats ameaça o lêmur-de-porrtivo-de-sahamalaza, uma das espécies exclusivas de Madagascar, e o orangotango-de-sumatra (pág. anterior), na Indonésia





ilha de Siau, vive um primata minúsculo de olhos enormes e dedos finos, conhecido como tárσιο-de-siau. Ele mede cerca de 10 cm, e pesa, no máximo, 165 g. Até 2005 era considerado da espécie *Tarsius sangirensis*, mas os primatólogos Myron Shekelle e Agus Salim provaram se tratar de uma espécie distinta e estão em vias de publicar sua descrição com um novo nome.

O animalzinho circula ao entardecer e à noite, em grupos familiares, saltando com agilidade entre os ramos mais frágeis das árvores, graças ao seu peso-pluma e ao equilíbrio conferido por sua cauda comprida. A área efetivamente ocupada pela espécie – nas encostas do vulcão ativo Karengetang – é de apenas 19,4 km², embora a ilha toda tenha 125 km². Na

verdade, os tárσιos não precisam de uma área muito extensa para viver, mas são obrigados a dividir sua morada com humanos, cuja densidade populacional hoje está em torno de 311 pessoas por km².

Não seria uma vizinhança tão problemática se para boa parte dos humanos os tárσιos não fossem o ingrediente principal de uma receita local chamada tola-tola. Há pouco mais de 10 anos era comum uma família comer 5 a 10 desses pequenos primatas em uma única refeição. Agora já não é fácil encontrar tárσιos na ilha de Siau: a pressão de caça colocou a espécie na lista de animais criticamente ameaçados, antes mesmo de ela ser batizada. A situação do corpulento orangotango e do pequeno tárσιο é tão grave quanto a de outras 9 espécies de primatas asiáticos, 11 africanos (4 de Madagascar) e 3 americanos. Juntos, eles compõem a lista dos 25 primatas mais

ameaçados do mundo, divulgada pelo Grupo de Especialistas em Primatas da União Mundial para a Conservação da Natureza (IUCN, na sigla em inglês) e pela Sociedade Internacional de Primatologia (IPS), em colaboração com a Conservação Internacional (CI). Assinam esta quarta edição da lista 60 pesquisadores de 21 países. As listas anteriores são de 2000, 2002 e 2004 (publicada na Terra da Gente nº 11, de março de 2005).

"A contribuição desses cientistas garante a autoridade do relatório. Eles descrevem as razões pelas

Famílias comiam até dez primatas por refeição, na Indonésia

quais esses primatas estão em tão sério perigo e chamam a atenção para a condição de cada espécie, arrecadando apoio para a conscientização

e para as ações necessárias entre aqueles que podem contribuir para salvá-los e os que têm a obrigação moral de fazê-lo", diz a introdução do documento. Com um orçamento anual da ordem de US\$ 140 milhões, a CI investe prioritariamente em programas de conservação de primatas ameaçados e/ou de recuperação de seus habitats. Só através da Margo Marsh Biodiversity Foundation, uma organização não-governamental focada em primatas, a CI destinou US\$ 6 milhões a tais projetos de conservação, em diversos países, nos últimos anos. "Vale destacar que 90% dos hotspots abrigam primatas e, portanto, destinar recursos à conservação dos hotspots é também apoiar a conservação das espécies que ali vivem", destaca Russel Mittermeier, presidente da CI e chefe do Grupo de Especialistas em Primatas que assina o estudo. Hotspots, vale lembrar, são as 34 regiões da alta prioridade de



Vietnamitas usam partes de langures em preparados da medicina popular

conservação identificadas pela CI, equivalentes a 2,3% da superfície terrestre do planeta, mas onde vivem mais de 50% de todas as espécies animais e vegetais.

Para pelo menos duas das 25 espécies da nova lista de primatas — o colobo-vermelho-da-Waldron e o lóris-esbelto-vermelho — talvez chamar a atenção já não baste. O colobo-vermelho-de-waldron (*Procolobus badius waldroni*) é um macaco de tamanho médio — com 45 a 67 cm, mais 52 a 80 cm de cauda, e cerca de 5 a 11 kg — nativo dos países africanos Costa do Marfim e Gana. Desde 1993, diversas expedições científicas percorrem seu hábitat com o objetivo de encontrar vestígios de sua presença, sem sucesso. A espécie só não foi considerada extinta na natureza devido ao registro de uma única pele apreendida com um caçador na laguna Ehy, em 2002, e uma vocalização ouvida no Parque Nacional das Ilhas Ehotiles, em 2006.

Ambas localidades ficam na Costa do Marfim, um país dividido por conflitos étnicos que resultaram numa guerra civil (2002 a 2004) com efeito prolongado nas áreas rurais (até o acordo de paz de março de 2007). Tanto na fase de guerra como durante os conflitos posteriores, exércitos e rebeldes acampados nas florestas exerceram forte pressão de caça de subsistência sobre a fauna nativa. Após o acordo de paz, a pressão prossegue com caçadores locais, acrescida da perda de hábitat devido à retirada de madeira. Em Gana, não se tem qualquer notícia recente desse animal e a espécie é considera-



NAS MÃOS DOS HOMENS

A exploração da floresta restringe o acesso do lêmurgentil às folhas de bambu, 95% de sua dieta, e os gibões-hoolock-do-oeste (no recorte, à dir.) dependem do manejo do homem para sobreviver

Boas notícias para os brasileiros?

"Esta lista dos 25 primatas em perigo traz uma grande vitória para o Brasil, pois dela não consta nenhuma espécie brasileira", comemora Russel Mittermeier, presidente da Conservação Internacional (CI) e chefe do Grupo de Especialistas em Primatas da União para a Conservação da Natureza (IUCN). Cinco primatas nativos estavam na lista de 2000: os micos-leões dourado (*Leontopithecus rosalia*), preto (*L. chrysopygus*) e caçara (*L. caisara*), o macaco-prego-do-peito-amarelo (*Cebus xanthosternus*) e o miquil-do-norte (*Brachyteles hypoxanthus*). Três deles permaneceram nas listas de 2002 e 2004: o mico-leão-caçara, o macaco-prego-do-peito-amarelo e o miquil-do-norte. Porém, agora, eles deram lugar a primatas asiáticos, segundo o relatório dos especialistas da IUCN porque os esforços para a pro-

teção das espécies brasileiras foram significativos, seja em instituições oficiais, como o Centro de Primatas Brasileiros (CPB) do Instituto Chico Mendes, ou em entidades não-governamentais.

"De fato, existe um esforço coordenado no Brasil para garantir a conservação dos primatas, principalmente em relação às espécies que já estiveram na lista", comenta Claudio Valladares Padua, do Instituto de Pesquisas Ecológicas (Ipe), que trabalha com o mico-leão-preto e o mico-leão-caçara. "Temos grandes vitórias, mas isso não quer dizer que a situação está boa. Se o olhar é comparativo com o resto do mundo, os brasileiros estão, digamos, menos ruins. Mas se o olhar é local — e nosso olhar deve ser local — a situação ainda causa muita preocupação, sobretudo devido à perda e fragmentação de habitats".

da localmente extinta.

O lóris-esbelto-vermelho (*Loris tardigradus nycticeboides*) é um pequeno e — como diz o nome — delicado primata com apenas 17,5 a 26,4 cm e de 110 a 350 g. Tem hábitos solitários noturnos e vive nas florestas do Sri Lanka, onde circula de galho em galho, silenciosamente e sem saltar, podendo percorrer diversos quilômetros por noite, apesar de exibir movimentos lentos. Alimenta-se principalmente de insetos, mas não recusa ovos, brotos de folhas, frutos e pequenos vertebrados. Oficialmente, indivíduos da espécie só foram registrados 4 vezes desde os anos 1940, época de sua descrição. As principais pressões que



sofre são a perda de habitat, a captura para comercialização como mascotes e a caça para abastecimento do mercado tradicional de remédios e afrodisíacos,

onde prevalecem superstições sobre o poder curativo de partes desse animal.

A superstição também é a 'espada' sobre a cabeça de 2 langures do Vietnã: o langur-de-delacour (*Trachypithecus delacouri*) e o langur-de-cabeça-dourada (*Trachypithecus poliocephalus poliocephalus*). Ossos, tecidos e órgãos são usados em preparados populares reputados como medicinais. Embora considerado ilegal, esse tipo de tráfico apresenta um sólido crescimento, ao ritmo da economia asiática.



VÍTIMAS DOS CAÇADORES

Os caçadores de Madagascar cortam a árvore-dormitório e capturam o sifaka-sedoso; os caçadores indonésios estão acabando com o minúsculo tárzio-de-silau (pág. seguinte, no recorte)

A fragmentação das florestas é uma pressão adicional sobre as populações sobreviventes de langures. A distribuição atual do langur-de-de-lacour restringe-se a 19 áreas nas montanhas de rocha calcária de 4 províncias vietnamitas, isoladas entre si. Grupos inferiores a 20 indivíduos vivem nessas ilhas de mata sem nenhuma conexão e a população total da espécie é estimada em 250 indivíduos.

O caso do langur-de-cabeça-dourada é ainda mais crítico. A espécie vive nas florestas de neblina do arquipélago de Cat Ba, reconhecido em 2004 como Reserva da Biosfera pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultu-

Os lêmures estão ameaçados no seu único habitat, em Madagascar

ra (Unesco). O arquipélago fica a nordeste do Vietnã. Nos anos 1960, a população aproximada do primata era de 2.700 exemplares, mas eles foram tão caçados que, em 2000, restavam apenas 53 animais. Só então se estabeleceram medidas severas de proteção e, agora, a população é de 65 indivíduos. A boa notícia, no entanto, é apenas parcial, pois tal população está dividida em 7 grupos

isolados, 5 dos quais constituídos somente por fêmeas adultas e, portanto, não reprodutivos.

Mais 13 espécies da lista dos 25 — e muitas outras não relacionadas no presente relatório — sofrem com a fragmentação florestal. Em Madagascar, único lugar do planeta onde existem lêmures, a degradação das matas e o corte de árvores para retirada de lenha, madeira ou para a instalação de colonos e roças de subsistência põem em risco as 4 espécies relacionadas pelos primatólogos: o lêmur-gentil (*Prolemur simus*), o lêmur-de-colar-branco (*Eulemur albocollaris*), o lêmur-desportivo-de-sahamalaza (*Lepidemur sahamalazensis*) e o sifaka-sedoso (*Propithecus candidus*).

OS 25 PRIMATAS MAIS AMEAÇADOS



- | | |
|--|---|
| 01 - Colômbia - Venezuela - <i>Micozootopsia</i> sp. caud. (caud. <i>sp.</i>) | 14 - Madagascar - <i>Lémur-de-cara-branca</i> - (<i>Quercus</i> <i>sp.</i>) |
| 02 - Colômbia - Equador - <i>Micozootopsia</i> sp. caud. (caud. <i>sp.</i>) | 15 - Sri Lanka - <i>Lémur-de-cara-branca</i> - (<i>Quercus</i> <i>sp.</i>) |
| 03 - Peru - <i>Micozootopsia</i> sp. caud. (caud. <i>sp.</i>) | 16 - Sri Lanka - <i>Lémur-de-cara-branca</i> - (<i>Quercus</i> <i>sp.</i>) |
| 04 - Costa do Marfim - Gana - <i>Micozootopsia</i> sp. caud. (caud. <i>sp.</i>) | 17 - Bangladesh - Índia - <i>Micozootopsia</i> sp. caud. (caud. <i>sp.</i>) |
| 05 - Costa do Marfim - Gana - <i>Micozootopsia</i> sp. caud. (caud. <i>sp.</i>) | 18 - Vietnã - <i>Lémur-de-cara-branca</i> - (<i>Quercus</i> <i>sp.</i>) |
| 06 - Nigéria - República dos Camarões - <i>Micozootopsia</i> sp. caud. (caud. <i>sp.</i>) | 19 - Vietnã - <i>Lémur-de-cara-branca</i> - (<i>Quercus</i> <i>sp.</i>) |
| 07 - Gâmbia - República dos Camarões - <i>Micozootopsia</i> sp. caud. (caud. <i>sp.</i>) | 20 - Vietnã - <i>Lémur-de-cara-branca</i> - (<i>Quercus</i> <i>sp.</i>) |
| 08 - Gâmbia - República dos Camarões - <i>Micozootopsia</i> sp. caud. (caud. <i>sp.</i>) | 21 - Índia (Ilha de Hainan) - <i>Lémur-de-cara-branca</i> - (<i>Quercus</i> <i>sp.</i>) |
| 09 - Gâmbia - República dos Camarões - <i>Micozootopsia</i> sp. caud. (caud. <i>sp.</i>) | 22 - Vietnã - <i>Lémur-de-cara-branca</i> - (<i>Quercus</i> <i>sp.</i>) |
| 10 - Gâmbia - República dos Camarões - <i>Micozootopsia</i> sp. caud. (caud. <i>sp.</i>) | 23 - Indonésia (Sumatra) - <i>Lémur-de-cara-branca</i> - (<i>Quercus</i> <i>sp.</i>) |
| 11 - Madagascar - <i>Lémur-de-cara-branca</i> - (<i>Quercus</i> <i>sp.</i>) | 24 - Indonésia (Ilha Molucas) - <i>Lémur-de-cara-branca</i> - (<i>Quercus</i> <i>sp.</i>) |
| 12 - Madagascar - <i>Lémur-de-cara-branca</i> - (<i>Quercus</i> <i>sp.</i>) | 25 - Indonésia - <i>Lémur-de-cara-branca</i> - (<i>Quercus</i> <i>sp.</i>) |
| 13 - Madagascar - <i>Lémur-de-cara-branca</i> - (<i>Quercus</i> <i>sp.</i>) | |

Todas as espécies ainda estão na mira dos caçadores, alguns dos quais recorrem ao corte das árvores utilizadas pelos primatas como dormitório para a captura. A exploração seletiva das florestas pelo homem ainda restringe o acesso dos primatas a alimentos e isso é crítico para os mais especializados, como o lêmur-gentil, que tem 95% de sua dieta baseada em folhas de bambu.

Na realidade, em qualquer parte do mundo, os impactos da fragmentação florestal são mais drásticos sobre as espécies mais adaptadas a alimentos ou a condições de locomoção e de abrigo muito particulares. É o caso do langur-de-cara-roxa (*Semnopithecus vetulus nestor*), do Sri

Lanka. Trata-se de um habitante de matas secas, florestas costeiras e de neblina, extremamente adaptado à vida no alto das copas das árvores, onde obtém brotos de folhas e frutas maduras para comer. Mesmo o corte seletivo de madeira o afeta, pois impede seu trânsito pelo ambiente ou o expõe a predadores. Hoje só restam 3 áreas naturais em condições de abrigar os poucos sobreviventes, que, sem ter para onde ir, invadem plantações de cacau e seringais.

Outro especialista em florestas fechadas, dependente da continuidade das copas das árvores, é o gibão-hoolock-do-oeste (*Hoolock hoolock*), nativo de Bangladesh, Índia e Myanmar. Após enfrentar a fragmentação

de seu hábitat por desmatamentos para agricultura de subsistência e para a implantação de cultivos de chá, além da caça para consumo da carne e da captura por traficantes, a espécie agora depende inteiramente de manejo do homem para continuar existindo. Em 30 anos, a população da Índia e Bangladesh, antes estimada em 100 mil indivíduos, caiu para menos de 5 mil. E os remanescentes enfrentam a falta de frutos maduros — principal item de sua dieta — e a predação de cães domésticos, que os atacam quando eles descem das árvores para atravessar as áreas abertas entre os fragmentos florestais. Em Myanmar



A destruição da floresta tropical e o comércio são ameaças na Ásia

a vegetação está em melhores condições, porém não se sabe se os primatas sobreviveram à pressão de caça para abastecimento dos guerrilheiros e paramilitares durante os muitos anos de conflitos armados.

Na ilha chinesa de Hainan, embora haja ligeiros sinais de melhora, a situação do gibão-de-hainan (*Nomascus hainanus*) é ainda mais dramática. Nos anos 1950, havia registros de cerca de 2 mil indivíduos. Em 2003, eles estavam reduzidos a 13 exemplares, divididos em 2 grupos. Em 2007, novos nascimentos elevaram o total para 17, no entanto, com uma população tão reduzida, todos os gibões-de-hainan estão condenados ao casamento consanguíneo.

O 'equivalente' americano do gibão é o macaco-aranha, igualmente especializado em viver se equilibrando no alto das mais altas árvores, pendurado nos longos braços. Duas espécies de macaco-aranha estão nesta lista dos 25 primatas mais ameaçados do mundo: o castanho (*Ateles fusciceps fusciceps*), do Equador e Colômbia, e o café (*Ateles hybridus*), da Colômbia e Venezuela.

O primeiro vive em grupos grandes, de aproximadamente 35 indivíduos. Já era naturalmente raro e de distribuição restrita,

mas os desmatamentos para retirada de madeira e instalação de lavou-



ras causaram rápido declínio, impedindo seus deslocamentos pela floresta e reduzindo a disponibilidade de alimento. Além disso, os grupos são afetados pela caça, que desestrutura sua hierarquia social e reduz os índices de reprodução.

O consumo de carne também é a principal pressão sobre a população sobrevivente do macaco-aranha-café, sobretudo na bacia do rio Magdalena, na Colômbia. A espécie tem uma baixa taxa de reprodução — um único filhote por casal a cada 3 ou 4 anos — e uma área restrita de distribuição, hoje bastante fragmentada pelos desmatamentos. A maioria dos

grupos sobreviventes encontra-se cercada por roças ou moradias humanas e só a efetiva proteção dos fragmentos florestais remanescentes pode reverter o processo de declínio. O estabelecimento de um refúgio de fauna na Serra de San Lucas, na província de Bolívar, em especial, protegeria não só uma população importante de uma subespécie desse macaco-aranha — *Ateles hybridus brianneus* — como dois outros primatas endêmicos em risco: o sagüi-de-mãos-brancas (*Sigynus leucopus*) e o macaco-barrigudo-da-colômbia (*Lagothrix lugens*).

Para o macaco-barrigudo-da-cauda-amarela (*Oreonax flavicauda*) os

AMEAÇA GLOBALIZADA

O macaco-barrigudo (à esq.) e o macaco-aranha (no destaque, à dir) são caçados até em parques, na América do Sul. O lêmur-de-colar-branco perde habitat, em Madagascar, mesmo problema do lóris-esbelto-vermelho (no destaque, abaixo à esq.), no Sri Lanka



mover pesquisas e mitigar as ameaças, por meio do aumento da fiscalização, criação de áreas protegidas e programas de criação em cativeiro. Os

especialistas têm se concentrado, em especial, no sudeste da Ásia, onde as pressões populacionais e econômicas são crescentes. O Vietnã, por exemplo, é um país com território pouco maior do que o estado de São Paulo e mais de 80 milhões de habitantes (o dobro de SP), onde vivem 4 dos 25 primatas em perigo. "Essas espécies estão em condições bem piores do que a pior fase dos primatas brasileiros mais ameaçados, como o muriqui e o mico-leão-dourado", observa Mittermeier, segundo quem a esperança reside numa mudança de atitude das autoridades, que começa a ser esboçada.

Também na China, onde as atenções sempre estiveram voltadas para o panda-gigante, a divulgação da lista de primatas já surte algum efeito junto às autoridades. Aos poucos, eles entendem a importância de medidas mais amplas de proteção ambiental. Conforme lembra o chefe do Grupo de Especialistas em Primatas, "protegendo as florestas tropicais que ainda restam no mundo, salvaremos os primatas e outras espécies ameaçadas, ao mesmo tempo em que impediremos que mais dióxido de carbono entre na atmosfera e aqueça o clima".

esforços de conservação devem se concentrar no aumento da fiscalização nas áreas protegidas dos Andes tropicais, no Peru: o Parque Nacional do Rio Abiseo, a Floresta Protegida de Alto Mayo e a Zona Reservada da Cordilheira de Colán. Mesmo dentro destas áreas protegidas, os primatas enfrentam os caçadores, enquanto fora delas a derrubada e a degradação das florestas reduzem seu habitat e a disponibilidade de alimento. A dieta básica dessa espécie é bastante adaptada à variedade e à sazonalidade da mata de neblina – frutas, flores, folhas, líquens, bromélias e raízes e bulbos de epífitas

– e a falta de alguns itens pode comprometer a reprodução.

"Todos os sobreviventes das 25 espécies cabem dentro de um estádio de futebol. Isso mostra quão poucos restam no planeta hoje", observa Russel Mittermeier, da CI e IUCN. "A situação é pior na Ásia, onde a destruição da floresta tropical e a caça para comércio colocam muitas espécies em grande risco. Até mesmo as espécies recém-descobertas estão gravemente ameaçadas e poderão desaparecer logo".

Com a divulgação da lista, a expectativa dos primatólogos é atrair investimentos e esforços para pro-

AGRADECIMENTOS A:

Stephen Nash (CI), autor das ilustrações publicadas nestas páginas.

Anthony Rylands (CI) e Arturo Mora (IUCN), pela confirmação de informações técnicas.

Tim Cohen e Duun Nguyen, pela colaboração no envio das fotos cedidas pela CI.

Ivan Sadima, pela ajuda com a tradução dos nomes dos primatas para o português.